

## O que é gestão danosa?

Segundo o artigo 235º do Código Penal, administração danosa é quando "1 - Quem, infringindo intencionalmente normas de controlo ou regras económicas de uma gestão racional, provocar dano patrimonial importante em unidade económica do sector público ou cooperativo (...)".

Falemos então da Câmara Municipal do Porto, para reflectir sobre se a sua gestão será ou não danosa.

Podemos falar do Mercado do Bolhão, com concessões desvantajosas para a cidade, projectos engavetados, má conduta do papel de senhorio a culminar em despejos dos arrendatários. Pessoalmente, entendo isto como um atentado ao património edificado e humano da cidade do Porto.

Podemos falar do Mercado do Bom Sucesso, com pressões imorais sobre os seus arrendatários, de novo ilegítimamente, a culminar num despejo relâmpago dos cidadãos, eleitores, da cidade do Porto. Entendo isto como um atentado ao património social e humano da cidade.

Mas do que queremos mesmo falar aqui é de um "novo" fenómeno no Porto, a "movida".

A movida foi um fenómeno incrível que pareceu, desde o início, querer finalmente reabilitar o núcleo histórico da cidade do Porto. A Ribeira e as suas tascas já não pareciam estar na moda e ficou esquecida algures "lá em baixo", e a zona industrial do Porto e as suas discotecas pareceram esgotar a sua capacidade quando as balas começaram a voar.

Então sobrava uma área muito nobre da cidade do Porto, essencialmente a freguesia da Vitória. Entre Clérigos, Livraria Lello, o eterno Piolho e o desenho urbano ideal de Marques da Silva entre a rua Cândido dos Reis e a rua da Galeria de Paris. Mais umas praças, pracinhas e pracetas pelo caminho, temos o local ideal para criar uma movida, festa na rua, *botellón*, feiras de artesanato, bares variados para todos os gostos.

Até aqui tudo óptimo. A ideia era boa e nobre. Pérolas arquitectónicas viram-se reutilizadas, renascidas, reabertas à população. Houve de imediato bons exemplos dessas recuperações, puristas e honestas. O fluxo de visitantes da cidade cresceu a olhos vistos, portugueses e turistas, estes últimos felizes em chegar de avião *low cost*, apanharem o metro, saírem numa qualquer estação da cidade do postal e serem bem acolhidos. De repente, todos nós víamos a diferença na rua, de dia e de noite, havia gente na cidade como já não havia há muitos anos. Até aqui tudo óptimo.

Maugrado o momento em que de repente os bares/ discotecas se multiplicam como cogumelos. Sem licenças, sem condições, em decorações de interiores absurdas para se fingir que o restante do edifício não treme acima do rés-do-chão. A multidão começa a afluir. O mundo inteiro parece querer estar nesta área da cidade, durante toda a noite. Seja na rua, na praça, na pracinha ou na praceta. Não há espaço, não há estacionamento, acima de tudo não há civismo. De repente

a cidade do Porto é um contínuo recinto de festival anárquico. Uma contínua queima das fitas, espalhada por entre casas e escritórios, por entre o património.

Então começam os problemas.

O jardim da Cordoaria ou a rua de Cedofeita, a praça Carlos Alberto ou a praça Guilherme Gomes Fernandes, transformam-se em parques de estacionamento a céu aberto. Vantagem: postos de trabalho garantidos aos arrumadores de carros. Desvantagem: um morador não consegue abrir a sua porta, a multidão passeia pela estrada ao invés do passeio, o pobre jardim fica destruído de vez.

A Câmara Municipal do Porto resolve, ao fim de mais de um ano, colocar barreiras nalgumas rampas de acesso. Ao fim de um mês começam a avariar e os mais incautos continuam a estacionar nestes locais.

Na rua da Galeria de Paris decide-se que a festa é de facto na rua. Então os que podem passar de bar a discoteca, abrem portas e janelas e projectam música para todo o quarteirão. Porém, os seguranças permanecem às portas dos estabelecimentos e não na entrada da rua, então não será difícil imaginar o ambiente que se vive numa discoteca em que a multidão não é controlada de forma alguma. Proliferam ainda mais estabelecimentos que não se dão ao trabalho de possuir casas de banho, ou sequer área interior suficiente, porque a festa é na rua. São meras barraquinhas de venda, só lucros.

Os moradores em volta iniciam algumas queixas, chamam a polícia porque não podem dormir. A Câmara Municipal do Porto não intervém e os rumores dizem que é para não assustar o turismo.

Onde a rua José Falcão encontra a Praça Guilherme Gomes Fernandes abre o exemplo de negócio mais inteligente que tinha visto até então. Venda de garrafas, a retalho, como num supermercado. Área mínima, sem casas de banho, o sofá para os clientes se sentarem encontra-se no passeio e, obviamente, que a música também é projectada para o exterior. Primeiro mistério: será legal? Não interessa, estamos em Portugal, basta estar registado como loja de conveniência e mentir sobre o horário de funcionamento. Lá diz que abre às oito da manhã e fecha às duas da manhã, na realidade, e porque é mais rentável, abre às dez da noite e fecha às sete da manhã.

Começa a multidão a espalhar-se para esta área também, garrafa de litro e meio a um preço acessível, o que significa que numa simples quinta feira se vendem cerca de três camiões da UNICER e as garrafas podem coleccionar-se pelas ruas. Porquê? (há um vereador qualquer que administra esta empresa não é?)

Cloaca (do latim *cloacae*, esgoto) ou cloaca comportamental, é o processo pelo qual uma dada espécie animal sucumbe ao *stress* da concentração demográfica e começa a demonstrar comportamentos predatórios agressivos, até sexualmente, num total desrespeito pela hierarquia social ou limites de liberdade impostos.

Recordemos que até agora foi utilizada a palavra 'multidão' para classificar os utilizadores da movida. O resultado fica portanto à vista de todos os que estejam sóbrios e presentes nas noites mais movimentadas na Baixa do Porto, entre quarta-feira e sábado ou vésperas de feriado, desde o início da noite até ao raiar

da manhã, a multidão ocupa a rua num visível comportamento cloacal. Beber até cair e drogar-se para poder ficar de pé. É um país em crise, um país em decadência, talvez esta seja uma resposta bastante compreensível.

Sobra então quem não sofre do mesmo comportamento. Estes sobrantes, os que ainda moram e trabalham na cidade do Porto, têm de passar noites sem dormir seja pela música dos estabelecimentos seja pelos gritos da multidão desgovernada e intoxicada. Festa é na rua por isso urinar ou vomitar é na rua, do recanto escuro à soleira da porta da habitação ou da padaria. Festa é na rua por isso se o ritual sexual for bem sucedido a cópula toma lugar na rua, mesmo que os cafés já estejam abertos, colocando o Porto nos roteiros internacionais de *dogging*.

Todas as manhãs, desde que o sol nasce e os mais resistentes ainda deambulam pela cidade, as últimas garrafas que ainda não foram quebradas contra paredes e montras durante a noite, são lançadas pelo ar ou usadas como pinos de bowling. As ruas ficam "ladrilhadas a rubis" com todos os cacos das garrafas de litro de cerveja, as calçadas estão surradas de álcool derramado e repisado, o lixo espalha-se por todo o lado e o vidro brilha por todo lado, com filas de (quê?) garrafas (de novo!) ainda encarreiradas em jardins e passeios. O fedor dos dejectos desta minha cara gente, infecta todo o ambiente... São sete da manhã e a recolha do lixo ainda não chegou, mas quem cá está, já chegou para trabalhar, ou levantou-se de uma noite de insónia terá de ter cuidado com o chão que pisa. Quando a recolha chegar vai precisar do dia inteiro para conseguir disfarçar os vestígios do que ali aconteceu, isto porque nunca chega a apagar a realidade.

Enquanto isso a administração desta cidade agita-se. Porque não têm culpa nenhuma! A culpa é dos serviços de limpeza do Porto NÃO serem privados. Porque quando forem, tudo vai ser melhor! Basta corrigir isso e toda a gente fica servida, porque tudo o resto que eu descrevi se resolverá também, por artes mágicas.

Os turistas abandonam a cidade, abandonam as pensões e hotéis a meio da noite porque também queriam dormir. A polícia é chamada sucessivamente. As queixas são enviadas para a câmara e para a comunicação social. Ninguém dá resposta. É o salve-se quem puder. A resposta de alguns é, inclusive, quem estiver incomodado que se mude.

Estamos aqui desde que nascemos.

Não vamos a lado nenhum.

E atenção, isto não foi uma longa descrição fictícia! Isto é o mundo em que dezenas de pessoas têm de viver e trabalhar todos os dias, porque não há rei nem roque.

E isto têm de terminar.

Gestão danosa?

Mariana Martins

*ver O Outro Lado da Movidá no youtube e o facebook Moradores da Vitória*